

# Já passei por essa

## Cenatexto

**N**a última aula, você ficou conhecendo Estevão, um cinquentão que espera a aposentadoria; Mário, um jovem que espera trabalhar na Marcenaria Madeira de Lei; e Adriano, o esbaforido chefe que espera se refrescar um pouco na sua sala refrigerada. Como se vê, esperança é o que não falta na história.



- Pelo visto, vocês já se conheceram. Não é, Estevão? – pergunta Adriano.*
- Já bati um papo aqui com o garotão. Até contei pra ele que, quando nos conhecemos, você já tinha essa caneta bonitona que está aí no seu bolso.*
- Que é isso, Estevão? Nós nos conhecemos lá na casa do patrão, e eu não estava com esta caneta.*
- É, mas eu estava...*
- O homem não é mole, adora um trocadinho.*
- Mário, parece que você já entendeu quem é essa peça aí, não é?*
- Já, seu Adriano. Na hora até tomei um susto. Mas já sei que é um grande brincalhão.*
- Todo mundo vai sentir falta dessa grande figura. Ele é a alma da casa.*

Estevão disfarça, mas gosta do comentário. Ele sabe que a aposentadoria vai ter alguns aspectos desagradáveis, pois aquela convivência se tornou muito importante.

- Então, Adriano, estou aposentado? - pergunta Estêvão, ansioso.

- Sim, o aviso de concessão de benefícios já chegou. O ofício está aqui. Você, a partir de hoje, é um boa-vida. No bom sentido, é claro!

- Só fala mal deste boa-vida quem tem inveja.

- Esse Estêvão... Mas, antes de cair na vadiagem, temos duas tarefas pra você: a primeira é apresentar o Mário pra sua nova patota, mostrar-lhe o campo de batalha; a segunda é preparar o fígado, porque, depois do apito final, vamos tomar umas e outras pra bebemorar nosso primeiro desocupado. Até o chefão vai aparecer por lá. E quanto a você, Mário, está tudo certo. Um sai, o outro entra. Você, Estêvão, é um exemplo pra turma.

- Pois olha, deixando a modéstia de lado, sou mesmo. Não me canso de falar que entrei aqui há mais de trinta anos com uma mão na frente e outra atrás, sem ter nada. Agora, estou saindo com o dobro do que tinha.

- Deixa de ser palhaço, Estêvão. Vai mostrar o serviço pro rapaz.

Como sempre, Estêvão vai deixando atrás de si aquele rastro de alegria. Assim, caminha com Mário até a oficina de marcenaria, um imenso galpão com quase cem trabalhadores. Estêvão vai mostrando as máquinas e apresentando o novo companheiro:

- Olha aqui, Pedrão, o garoto que vai entrar no meu lugar.

- Ah, esse é o tal. Prazer, rapaz. Você vai gostar. Fique à vontade que aqui todos são irmãos.

Estêvão continua mostrando o local de trabalho a Mário:

- Vou te mostrar aquele torno moderníssimo. Ali está também o Geninho, gente muito boa. Veio de longe para operar a máquina.

A um aceno de mão, Geninho chega.

- Geninho, mostra como funciona essa geringonça. Este é o Mário, que vai entrar aqui pra trabalhar nessa máquina com você.

- Prazer, Mário. Você vai adorar este torno. A gente programa a máquina, põe a madeira, liga um botão e a peça sai toda trabalhada lá na frente. Você, recém-saído da escola, vai vibrar. Quando Estêvão quer fazer uma plástica, eu enfio a cara dele aqui e ela sai do lado de lá bonitinha.

- Cara de pau é a mãe, seu cretino. Você é que usa óleo de peroba pro seu focinho não dar cupim!

Oriso é geral. Estêvão deixa os dois conversando e vai receber o abraço de outros companheiros.

- Pois é, seu Estêvão, como vai conseguir ficar longe do serviço depois de tanto tempo?

- E agora, sem ter nada pra fazer, como vai justificar a falta aos compromissos?

- O trabalho dignifica, Estêvão! Vais perder a dignidade!

- Conversa. O que dignifica é o lazer; o trabalho danifica. Vou evitar até ver gente trabalhando. Agora eu quero moleza. Como disse aquele poeta: "Pernas pro ar, que ninguém é de ferro!"

- E o gole hoje, tá com o figueiredo preparado?

Estêvão não deixa passar:

- Aí tá o fraco da coisa. O problema é o fígado. Fígado faz um mal danado pra bebida.

A turma cai na gargalhada. Agora ele baixou na praia deles. Vai fazer muita falta esse coroa. Ah, se vai!

## Dicionário

Mário logo percebeu que Estêvão era um sujeito brincalhão. Sua especialidade era brincar com as palavras. Gostava muito de fazer *trocadilhos*. Consulte nosso dicionário e veja o que isso significa:

**trocadilho.** *s. m.* **1.** Jogo de palavras parecidas no som e diferentes no significado, e que dão margem a equívocos. **2.** Emprego de expressão ambígua.

1. Na aula anterior, um dos trocadilhos de Estêvão foi a frase: “*O problema do menor é dos maiores*”. Releia a Cematexto e identifique outro trocadilho de Estêvão. Em seguida, explique-o.

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

Observe a palavra em destaque nesta frase: “*Como sempre, Estêvão vai deixando atrás de si aquele **rastro** de alegria.*” Também registrada como *rasto*, veja como seus significados estão expressos no dicionário:

**rastro** (ou *rasto*). *s. m.* **1.** Vestígio que deixa o animal no lugar por onde passa. **2.** Sinal; pista; pegada; indício. **3.** Tipo de ancinho de ferro.

2. Em que sentido a palavra *rastro* foi usada na Cematexto?

.....  
.....

Adriano disse para Estêvão que iriam “bebemorar” o primeiro aposentado da empresa. Você conhece essa palavra? Será que ela existe? De fato, ela não consta nos dicionários, mas é formada pela união de algumas outras. Veja:

*Bememorar* é uma palavra formada pela união de duas outras (*beber* + *comemorar*) e significa comemorar bebendo.

Entretanto, não pense que *comemorar* vem de *comer*. Comemorar não é a mesma coisa que *comemorar comendo*. Comemorar é o mesmo que festejar, celebrar uma festa. Guimarães Rosa, o grande escritor mineiro, criou uma palavra que tem um significado parecido com esse. Ele disse que as pessoas amigas costumam “*combeber*”, ou seja, *beber juntas*, *beber umas com as outras* (com + beber = combeber), da mesma maneira que é formada a palavra *conviver*.

3. Na Cenatexto da aula 66, Mário não sabia onde *enfiar a cara* de vergonha. Nesta aula, Geninho diz que *enfia a cara de Estêvão no torno pra fazer uma plástica*. Explique a diferença do uso do verbo **enfiar** nesses dois casos.

.....  
.....  
.....

4. Na brincadeira entre os amigos de Estêvão, alguém disse: “E o gole hoje, tá com o **figueiredo** preparado?” Você conhece a palavra destacada? Procure no dicionário o seu significado e explique-o.

.....  
.....  
.....



1. Ao falar da caneta, no início da Cenatexto, Estêvão fez um jogo de palavras que podia ter vários significados. Explique como você entendeu a brincadeira.
2. Num determinado trecho, ironicamente, Estêvão diz que era um exemplo para os colegas. Encontre essa passagem e diga que ironia ele estava fazendo com o patrão.
3. O que Geninho queria dizer ao afirmar que o torno servia até para fazer plástica em Estêvão? Qual foi a reação de Estêvão ao ouvir isso?
4. Ao falar sobre o estado de seu fígado, Estêvão diz uma frase com alguns termos trocados. Indique que frase é essa e como deveria ser dita de modo sério.
5. Num determinado momento, houve uma brincadeira interessante entre Estêvão e seus amigos. Veja:  
“-O trabalho dignifica, Estêvão! Vais perder a dignidade!”  
“-Conversa. O que dignifica é o lazer; o trabalho danifica.”  
De acordo com a situação dada na Cenatexto, explique o que cada um estava querendo dizer.

## Entendimento





Na Cenatexto Geninho diz ao Mário que vai ensiná-lo a operar o torno por meio de programação. Futuramente, Mário também passará o que aprendeu para outros funcionários. No entanto, passará apenas informações a serem aproveitadas em meios mais avançados de trabalho.

Desde o início das civilizações, o homem tem trocado experiências com outros homens. Aprendendo e ensinando um ao outro, falando, escrevendo, desenhando e, enfim, desenvolvendo cada vez mais os meios para transmissão de seu progresso.

Uma teoria, chamada *Teoria do Evolucionismo*, diz que anteriormente o homem foi como o macaco, chegando até a subir em árvores. Segundo essa teoria, o homem desceu das árvores e começou a andar todo encurvado até chegar na posição em que hoje se encontra.

Acompanhar a evolução e incorporar mudanças não é um processo fácil. Muitas vezes, torna-se difícil perceber que as coisas podem ser feitas de um modo mais simples.

O conto escrito por Monteiro Lobato retrata muito bem esse caso. Veja:

### ***A enxada e o parafuso***

*Cada terra com seu uso. O nosso teatrinho sempre usou campainha para as chamadas. Campainha é eufemismo. Havia lá dentro uma enxada velha, pendurada de um arame, com um parafuso de cama, cabeçudo, ao lado. Os sinais para indicar o início de uma peça teatral eram batidos ali.*

*Veio um mambembe pernóstico e calou a enxada, substituindo os seus sons por três pancadas no assoalho.*

*No primeiro dia o povo da platéia entreolhou-se ao ouvir aquilo, e lá do poleiro houve risadas e assobios. O delegado resolveu intervir.*

*- Este mambembe parece que está mangando conosco!*

*Explicações. O empresário provou que aquele sistema era a última moda de Paris. Os espectadores remexeram-se, desconfiados.*

*Estavam nessa indecisão quando o Major dirigiu a pendenga com o peso de sua autoridade.*

*- Mas isto aqui não é Paris!...*

*- Bravos! Bravos!*

*E a velha enxada sonora voltou a ser tangida com o parafuso de cabeça.*



Fonte: Monteiro Lobato, ***Cidades mortas***. São Paulo, Brasiliense, 9a. edição, 1959, págs. 22-23.

**Monteiro Lobato** nasceu em Taubaté, no estado de São Paulo. Considerado um de nossos maiores autores da literatura infantil, é o criador do famoso ***Sítio do Pica-pau Amarelo***. Também escreveu para adultos, sendo muito importantes suas campanhas patrióticas em favor do nosso minério e do nosso petróleo. Um de seus personagens mais conhecidos é Jeca Tatu, símbolo de nosso homem do campo.